



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

CAMPUS DELMIRO GOUVEIA

GEOGRAFIA - LICENCIATURA

YASMIN SILVA RIBEIRO

***A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS COMO APOIO AO
DESENVOLVIMENTO DE UMA MENTALIDADE CARTOGRÁFICA PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL***

Delmiro Gouveia, AL

Agosto/ 2019

Yasmin Silva Ribeiro

***A Importância Das Atividades Lúdicas Como Apoio ao Desenvolvimento de
uma Mentalidade Cartográfica Para o Ensino Fundamental***

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas – UFAL, Campus Delmiro
Gouveia, como pré-requisito para a
obtenção do grau de Licenciada em
Geografia.

Orientador: Dr. Roberval Felipe Pereira
de Lima

Delmiro Gouveia, AL

Agosto/ 2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

R484i Ribeiro, Yasmin Silva

A importância das atividades lúdicas e o desenvolvimento de uma mentalidade cartográfica para o ensino de geografia no ensino fundamental / Yasmin Silva Ribeiro. – 2019.

43 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima.
Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Cartografia . 3. Atividades lúdicas. 4. Mapas mentais. 5. Ensino fundamental. I. Título.

CDU: 910.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): **Yasmin Silva Ribeiro**

A importância das atividades lúdicas como apoio ao desenvolvimento de uma mentalidade cartográfica para o ensino fundamental – Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

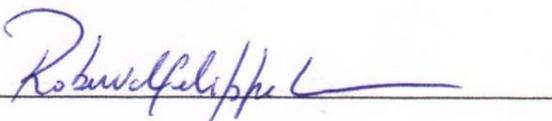
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 04 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

Orientador(a)

1º Examinador(a)

Orientador



Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima – UFAL/Campus do Sertão

2º Examinador(a)

Co-Orientador



Prof. MSc. Ricardo Santos de Almeida – UFAL /EAD

3º Examinador(a)

Avaliador Interno



Prof. MSc. Luã Karll de Oliveira – UFAL/Campus do Sertão

*“Quando a última árvore tiver caído
quando o último rio tiver secado,
quando o último peixe for pescado,
vocês vão entender que o dinheiro não
se come.”*

(Greenpeace)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por seu amor e cuidado, por guiar meus passos diariamente e por suas infinitas bênçãos.

Aos meus pais, Maria Luiza e José dos Santos que sempre fizeram de tudo para que pudesse alcançar meus objetivos. Aos meus filhos, Carlos Davi e Yago Luiz, que me deram um proposito para nunca desistir, e ao meu esposo João Carlos pelo companheirismo.

À Universidade Federal de Alagoas por ter me proporcionado essa graduação.

A todos os meus professores, inclusive aos do Curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Delmiro Gouveia, a todos o meu respeito e gratidão. E também à banca avaliadora pelas contribuições realizadas.

Ao Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima, meu orientador, por toda a paciência e as instruções as quais foram essenciais para a realização desse trabalho.

Às minhas amigas e companheiras que levarei para toda a vida Vilma Dias, Maria Suelly, Maria Aparecida e Ingride Barros por estarem sempre presentes em minha vida, ajudando-me em todos os momentos e sempre me encorajando a não desistir.

Aos meus colegas de sala que me ajudaram a realizar as atividades do curso.

A todos que compõem a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Wellington Pinto Fontes por ter permitido a realização deste trabalho.

A todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!!!!

RESUMO

Dentre os conteúdos da disciplina de Geografia, destaca-se a cartografia que se preocupa principalmente com o estudo dos mapas. Os mapas, por sua vez, estão presentes no cotidiano das pessoas desde seu uso em pesquisas até mesmo em quaisquer de suas tarefas diárias. Para a interpretação de um mapa é necessário ter uma noção básica da linguagem cartográfica a qual deve ser essencialmente ensinada no ensino fundamental. Todavia, em muitos casos, há alunos e/ ou professores que encontram dificuldades em trabalhar com essa temática. A fim de amenizar ou remediar tais empecilhos o presente trabalho traz como objetivo geral demonstrar a importância do uso de atividades lúdicas como apoio ao ensino da cartografia no ensino fundamental. Para isso, este trabalho foi fundamentado por meio de uma revisão de literatura, com base em autores como Vigotsky (1989) e Piaget (1975) sendo feita uma discussão literária destacando as principais dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, como o professor e os alunos se veem nesse meio e como o lúdico pode contribuir para amenizar ou remediar tais conflitos. Mais adiante, embasando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) e em autores como Carvalho (2008) são trazidos conceitos e abordagens curriculares da Cartografia, enfocando-a nas aulas de geografia do ensino fundamental. Posteriormente, é relatada uma experiência de uma oficina realizada durante o Estágio Supervisionado II do curso de Geografia, da Universidade Federal de Alagoas, *campus* Delmiro Gouveia. Tal atividade teve como intuito comprovar quais as possibilidades e como os alunos de uma turma do 7º ano do ensino fundamental reagiriam a uma atividade lúdica que envolvesse a representação espacial de seus trajetos diários (casa-escola) por meio de mapas mentais. Como resultados, o entusiasmo e participação ativa dos alunos foram perceptíveis, assim como a receptividade para a execução da oficina. Logo, foram elaborados 22 mapas mentais, desses, foram selecionados os cinco mais diferentes possíveis um do outro. O estilo foi a principal semelhança presente entre os mapas mentais elaborados pelos alunos, entretanto, foi visto que alguns mapas possuíam características bem diferentes, a exemplo, do mapa 1 que apresentou a maior diversidade de características, contrariamente, no mapa 5, foi notado a ausência da maioria dos caracteres citados no mapa 1. Ao mesmo tempo, os mapas 2 e 3 se destacam pela sua forma e dimensão, quando na construção deles vê-se que os alunos usaram uma forma horizontal para se expressar; já o mapa 4, apesar da ausência de outros símbolos cartográficos, o que chamou a atenção foi a noção de escala. Dessa forma, percebeu-se que a maioria dos alunos ainda apresentaram dificuldades quanto à linguagem cartográfica, demonstrando, assim, a necessidade de aprofundar tais conteúdos e de usar outras atividades lúdicas que permitam uma maior assimilação, relacionando o conteúdo em algo prático, tentando, assim, demonstrar uma funcionalidade real para tais conteúdos.

Palavras-chave: Mapas Mentais. Ludicidade. Linguagem Cartográfica.

ABSTRACT

Among the contents of the discipline of Geography, we highlight cartography that is mainly concerned with the study of maps. Maps, in turn, are present in the daily lives of people from their use in research even in any of their daily tasks. For the interpretation of a map it is necessary to have a basic notion of the cartographic language which must be essentially taught in elementary school. However, in many cases, there are students and / or teachers who find it difficult to work with this subject. In order to mitigate or remedy such obstacles the present work has as general objective to demonstrate the importance of the use of play activities as support to the teaching of cartography in primary education. For this, this work was based on a literature review, based on authors such as Vigotsky (1989) and Piaget (1975). A literary discussion was made highlighting the main difficulties in the teaching-learning process, such as the teacher and students are seen in this environment and how the playful can contribute to mitigating or remedying such conflicts. Further on, based on the National Curriculum Parameters - PCNs (1997) and on authors like Carvalho (2008) are brought concepts and curricular approaches of Cartography, focusing on the lessons of geography of elementary school. Subsequently, it is reported an experience of a workshop held during the Supervised Internship II of the Geography course, Federal University of Alagoas, Delmiro Gouveia campus. This activity aimed to prove the possibilities and how the students of a 7th grade elementary school group would react to a playful activity involving the spatial representation of their daily (home-school) paths through mental maps. As a result, the students' interaction and active participation were perceptible, as well as the receptivity to the execution of the workshop. Therefore, 22 mental maps were elaborated, of which the five most different were chosen from each other. The style was the main similarity present among the mental maps elaborated by the students, however, it was seen that some maps had very different characteristics, for example, of the map 1 that presented the greatest diversity of characteristics, contrarily, in the map 5, was noticed the absence of most of the characters quoted on the map 1. At the same time, maps 2 and 3 stand out by their form and size, when in their construction they are seen that students used a horizontal form to express themselves; Map 4, in spite of the absence of other cartographic symbols, attracted attention to the notion of scale. In this way, it was noticed that the majority of the students still presented difficulties regarding the cartographic language, thus demonstrating the need to deepen such contents and to use other playful activities that allow a greater assimilation, relating the content to something practical, thus demonstrating real functionality for such content.

Keywords: Mental Maps; School; Cartographic Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Fachada da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Wellington Pinto Fontes	20
Figura 02	Mapa mental utilizado como exemplar	21
Figura 03	Estrutura dos Parâmetros Nacionais para o Ensino Fundamental	39
Figura 04	Dimensões da Cartografia no Ensino Fundamental	30
Figura 05	Execução de atividade prática sobre orientação e localização	32
Figura 06	Elaboração dos mapas mentais	33
Figura 07	Mapa mental1	33
Figura 08	Mapa mental 2	35
Figura 09	Mapa mental 3	35
Figura 10	Mapa mental 4	36
Figura 11	Mapa mental 5	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1	A Escola na Sociedade Atual	11
2.2	O Ensino de Geografia na Atualidade	13
2.3	A Atuação do Professor de Geografia em Sala de Aula	15
3	MATERIAL E MÉTODOS	18
3.1	Revisão de Literatura	18
3.2	Experiência de uma Atividade Cartográfica	18
3.2.1	Área de Estudo	19
3.2.2	Coleta de Dados	20
4	A LUDICIDADE E A CARTOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	23
4.1	O Lúdico e o Desenvolvimento de uma Mentalidade Escolar	23
4.2	A Cartografia	26
4.3	A Cartografia no Ensino Fundamental	28
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
5.1	Uma Experiência Lúdica com a Cartografia	32
6	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do problema de pesquisa

A cartografia é a junção de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas que tem como base os resultados de comparações diretas ou de análise de documentação, com a intenção de elaborar e preparar cartas, planos e diversos meios de expressão, para a sua possível utilização (DUARTE, 2002).Dentre esses produtos da cartografia, destacam-se os mapas, que segundo Almeida e Passini (1994) funcionam como um conjunto de signos que se utiliza de recursos externos à sua memória, com alto poder de representação e sintetização.

“O mapa é um objeto de uso corrente, tanto na pesquisa quanto no planejamento territorial ou na vida cotidiana” (JOLLY, 1990, p.67). Todavia, Santos (2002) relata que, apesar de serem popularmente tão conhecidos, os mapas podem, muitas vezes, situarem-se distante das escolas brasileiras, porque grande parte das habilidades de leitura, escrita e visualização através de meios gráficos passam a ser símbolos desconhecidos dentro dos mapas. Isso acarreta grandes problemas para os alunos, como a não compreensão de noções cartográficas simples e/ou complexas.

A ausência de compreensão cartográfica leva as pessoas a se verem num contexto aos quais não consigam dimensionar os espaços devido a interpretação incorreta de escalas e demais símbolos cartográficos. Portanto, é necessário que o ensino da cartografia, tenha início nos primeiros anos escolares da criança, no ensino fundamental, de forma que ao observar as informações do espaço em quem vive, a criança consiga visualizar estas mesmas informações em uma representação cartográfica. Dessa forma, a criança adquirirá um saber científico que trará clareza às dimensões e formas do ambiente em que habita (PISSINATI, ARCHELA, 2007).

Entretanto, segundo Santos (2008), ensinar a linguagem cartográfica, especificamente os mapas, requer o uso de instrumentalizações de ensino, uma vez que, até mesmo alguns professores, com formação específica na área, têm dificuldades para compreender e relacionar alguns conceitos/conteúdos. O ensino-aprendizagem dos mapas no ensino fundamental deve deter de subsídios, como orientação metodológica, atividades lúdicas e produção de materiais didáticos que auxiliem na absorção do conhecimento geográfico.

É esse quesito que Sawczuk e Moura (2012) chamam a atenção, pois para os autores a introdução de atividades lúdicas nas aulas de Geografia proporciona ao

aluno a assimilação de conteúdos de forma divertida, despertando o interesse dos alunos pelas aulas. No momento da confecção do objeto a ser trabalhado, por meio do manuseio e da visualização, os educandos poderão relacionar diversos conceitos geográficos com as atividades lúdicas, a exemplo do lugar onde vivem.

1.2 Objetivo Geral

Esta pesquisa monográfica tem como objetivo geral, demonstrar a importância do uso de atividades lúdicas como apoio ao ensino da cartografia no ensino fundamental.

1.2.1 Objetivos específicos

- a) Discutir, inicialmente, acerca dos entraves que a escola e o ensino de geografia vêm sofrendo, enfocando a atuação do professor;
- b) Transparecer quais as possibilidades que a cartografia por meio da ludicidade traz tanto para os alunos quanto para os professores, em sala de aula, e;
- c) Analisar o uso dos mapas mentais como recurso didático no ensino da cartografia e demonstrar a sua importância na percepção espacial dos alunos numa turma do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade de São José da Tapera - Alagoas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Escola na Sociedade Atual

A escola, assim como todas as partes que constituem a sociedade atual, vem passando por diversas transformações ao longo dos anos. Isso fez com que durante esse processo evolutivo a escola assumisse posturas e papéis diferentes na sociedade. O currículo escolar, como ferramenta norteadora dessas mudanças, assumiu o papel de direcionar e organizar a produção, transmissão e assimilação dos processos metodológicos de produção do conhecimento ao longo dos tempos; concorda-se com Veiga-Neto (2002, p. 164) que: "O currículo funcionou como a máquina principal dessa grande maquinaria na fabricação da Modernidade".

Embora se mantenha vivo o caráter tradicional no modelo de escola atual, Leão (1999) afirma que é necessário reconhecer que o caráter tradicional atual da escola passou por muitas transformações ao longo dos anos. Neste contexto, fica claro que muito se perdeu em relação ao caráter tradicional do passado e o caráter tradicional atual. Em todo esse processo, muitos recursos tecnológicos de informação e comunicação foram agregados aos métodos tradicionais de ensino. No entanto, essas inovações têm sido motivo de muitos debates e controvérsias.

O modelo de escola presente na sociedade atual reflete diretamente na formação social do cidadão e principalmente na formação do aluno de geografia. Pois ao tempo em que é uma escola que assume diferentes abordagens de currículos, a mesma deve ser capaz de compreender e debater conteúdos de diferentes áreas do conhecimento. É recorrente a visão de que a escola na sociedade contemporânea pouco tenha se incorporado aos avanços científicos e tecnológicos. Mas conforme explicado acima, muito recursos tecnológicos de informação e comunicação têm sido introduzidos ao modelo de escola atual. É interessante, aliás, analisar que é graças a esses recursos que se pode ver a expansão das universidades, distribuídas em polos de Educação a Distância (EAD).

Conforme Kramer e Moreira (2007), a globalização tem afetado o modo de estruturar a educação escolar e de desenvolver o trabalho docente. O autor deixa claro que esta revolução tecnológica assume um caráter global e seus reflexos tem se estendido à escola (ou a sala de aula). No entanto, seria um erro afirmar que as tecnologias de informação e comunicação agregadas aos novos métodos de ensino

sejam, por si só, sinônimo de educação de qualidade. A prática docente agregada a estes insumos é que de fato resultara em qualidade de ensino.

A escola da sociedade atual traz intrínseco em seu currículo à abordagem do método tradicional, conforme mencionado pelo autor. Embora tenha agregado novos valores, a abordagem curricular tradicional, não muito diferente do século passado, ainda privilegia o professor como mediador no processo Ensino-Aprendizagem. Neste contexto, fica claro que as relações de ensino-aprendizagem precisam romper com paradigmas para que a globalização possa de fato transformar a realidade dos métodos de ensino atuais. Concorde-se quando o autor afirma: "Tudo o que rodeia a educação institucionalizada é fruto de nossa própria história de sociedade em suas mais variadas ramificações" (LEÃO, 1999, p. 188).

Ora, em tese, o que pretendemos analisar neste capítulo é a qualidade do ensino e as técnicas aplicadas para que o mesmo se desenvolva, fazendo um paralelo com os métodos passados, para que a partir de então possamos entender e construir um conceito capaz de representar a imagem da escola nos dias atuais e a sua relação com o ensino-aprendizagem. É importante considerar que, a análise desses processos, nos ajudará a compreender como as mudanças no currículo escolar contribuíram para a construção do modelo de escola dos dias atuais. Conforme explicado acima, todas as mudanças em torno da educação nas instituições de ensino atual são fruto do nosso comportamento social, por exemplo, a diferença entre os currículos das escolas de educação de jovens e adultos e o currículo das escolas de ensino fundamental na modalidade regular.

Foi pelo currículo que a escola contribuiu decisivamente para a crescente abstração do tempo e do espaço e para o estabelecimento de novas articulações entre ambos. Isso foi tão mais decisivo na medida em que tanto a escola fez do currículo o seu eixo central quanto ela própria tomou a si a tarefa de educar setores cada vez mais amplos e numerosos da sociedade. (VEIGA-NETO, 2002, p. 164).

O autor deixa claro na citação acima que foi através do currículo que a escola incorporou-se à relação espaço-tempo, estabelecendo a partir desta, novas articulações que ao longo do tempo refletiram de modo muito positivo, a ponto de a escola fazer do currículo o seu eixo norteador, tomando para si, a missão de alcançar cada vez mais um público maior. Vê-se isso, nos dias atuais, quando se

analisa o quão abrangente se tornou a educação institucionalizada se tornou e o quanto se agregou ao currículo escolar.

Fica evidente, diante desse quadro, que a escola na sociedade atual é um misto das práticas docentes e evolução curricular, que ao longo dos anos foram se modernizando, incorporando novas abordagens, deixando de lados outras nem tanto relevante e se adequando aos avanços tecnológicos da ciência. Analisa-se que, o ensino de qualidade na condição da escola atual, pode sim ser um objetivo passível de ser alcançado para isso é necessária que o professor preze por observar o currículo escolar visando sempre o bom desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem

2.2 O Ensino de Geografia na Atualidade

Pesquisar o ensino de geografia e suas implicações nos dias atuais, é um esforço necessário para que se possa refletir de forma clara e profunda, quais as contribuições que o ensino da Geografia tem fornecido para a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer a dimensão efetiva de sua participação na apropriação do espaço. Entende-se que o ensino de Geografia requer do professor um projeto educacional diferenciado, capaz de abarcar as dimensões técnicas, políticas e sociais em suas discussões. "Certamente, ao refletirmos essas questões conquistaríamos, gradualmente, a capacidade de enfrentar a superficialidade mantida, insistentemente, por nossos sistemas educativos" (OLIVEIRA, 2006, p. 14).

Pode-se dizer que os desafios contextuais emergentes são diversos e que a ação do professor deve se direcionar para além da seleção de metodologias que o orientem. Neste contexto, Oliveira (2006), afirma que o professor deve ser um gerenciador do conhecimento, autônomo, criativo, pluralista e propositivo na sua realidade, pois entendemos que educar é não se limitar a repassar informações ou mostrar apenas um caminho. O mais preocupante, contudo, é constatar que nem sempre é possível encontrar profissionais que desenvolvam em sala estas propostas, muitos ainda se limitam a serem apenas transmissores de informações.

É interessante, aliás, analisar as modificações no currículo para o ensino de Geografia, isso levava a entender os desafios vivenciados atualmente. Deve-se levar em consideração a evolução da geografia ante e pós-segunda guerra mundial. Mas conforme explicado acima, há um fato que se sobrepõe a essas modificações no

currículo da geografia. A carência de profissionais qualificados para atuar no ensino da Geografia nas instituições escolares. Mesmo assim, não parece haver razão para que muitas vezes essa disciplina escolar se resuma a um conteúdo monótono e meramente decorativo.

Conforme Santos (1996): “nunca como nos tempos de agora, houve uma necessidade de mais e mais saber competente, graças à ignorância a que nos induzem os objetos que nos cercam e as ações de que não podemos escapar”. Ao fazer esta afirmação, o autor se refere à necessidade insaciável que há de se adaptar às novas realidades, devido à produção constante de objetos. O autor ainda deixa claro que, há uma busca incansável de saberes, para que se possa acompanhar a globalização em seu sistema de objetos e sistemas de ação. De certo modo, isto também se aplica a geografia escolar, pois as modificações constantes no currículo escolar e as reformas de ensino requerem do professor uma constante busca pelo saber.

São as modificações no currículo escolar as responsáveis pelo rumo que o ensino da Geografia tem tomado esta evolução no modo de ensiná-la e compreendê-la é de fato inevitável devido ao período atual, cercado de tecnologia, e isso inevitavelmente acaba influenciando a todos, direto ou indiretamente. Há através da ciência moderna uma busca incansável pelo saber e para que se possa acompanhar a revolução tecnológica e seus sistemas, é necessário cada vez mais estar conectado ao meio técnico-científico informacional. Considerando estes fatos, pode-se afirmar que: "um ensino mais vivo e eficaz para a formação da personalidade deve basear-se no desenvolvimento do pensamento teórico" (LIBÂNEO, 2004, p. 16).

Ora, em tese, do ponto de vista educacional a importância do ensino de Geografia está ligada diretamente à necessidade que se tem de conhecer o espaço geográfico e suas dinâmicas. O ensino da Geografia tem como objetivo o estudo do espaço ou (o estudo da superfície terrestre) e a distribuição espacial de fenômenos geográficos e sua interação social com o homem (o sujeito e o meio). Na geografia escolar, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. É importante considerar que a Geografia como ciência é uma área bastante ampla e abrange interações físicas e sociais conforme explicado acima, por exemplo, a cartografia, a geografia política, a geografia urbana e etc.

No contexto atual da sociedade, evidencia-se a necessidade um saber geográfico nas escolas que acompanhe as mudanças que a sociedade vem passando e, principalmente que se apresente importante e com utilidades para a vida dos alunos. Mas para isto, precisa-se que os professores superem a concepção e mediação de uma Geografia Tradicional. E um caminho para reverter esta situação de uma Geografia descritiva da realidade e que camufla a sua importância é proposição deste texto. (MARQUES; ROSA, 2015, p. 357).

Na citação logo acima, os autores destacam a necessidade de avanços nos campos de conhecimento da geografia escolar, de modo que sejam capazes de acompanhar as transformações sociais e as constantes mudanças no nosso cotidiano. Com base nesses fatos, os autores defendem que para isso é necessário que os professores sejam capazes de superar os dogmas e paradigmas da geografia tradicional. Sendo necessário que haja em sala de aula mudanças relacionadas a postura do professor, da sua metodologia, e para isso propõe como caminho a proposição de textos.

Fica evidente, diante desse quadro, que compreender o papel do ensino de geografia na atualidade e o que o mesmo representa para a sociedade requer um estudo mais específico e perscrutado a esse tema. Percebe-se ainda que parte dos avanços teóricos e metodológicos que se têm atualmente deve-se aos avanços tecnológicos e as discussões sobre o currículo e suas perspectivas para o ensino. Por todas essas razões, pode-se afirmar que é possível perceber os avanços no ensino de Geografia nos dias atuais. No entanto, é preciso ressaltar que, a metodologia do ensino de geografia ainda carrega consigo traços de um currículo positivista tradicional que em partes apresenta grandes desafios a serem superados.

2.3 A Atuação do Professor de Geografia em Sala de Aula

Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), a atuação do professor de Geografia em sala de aula é uma pratica muito importante, porém, desafiadora. Pois o professor tem a importante missão de atuar como mediador do conhecimento. Nesta perspectiva, o professor de Geografia deve proporcionar ao aluno a capacidade de pensar e opinar a respeito de algo. Para isso, o professor poderá se utilizar de ferramentas capazes de auxiliar o desenvolvimento cognitivo, a

capacidade de interpretar e de estabelecer relações entre informações. Ou seja, a missão do professor é formar sujeitos críticos.

Como bem nos assegura Cavalcanti (2012), a atuação do Professor de Geografia em sala de aula é uma prática educativa, uma prática com dimensão pedagógica, porque tem finalidades. Ela está ligada aos planejamentos políticos, tem objetivos de intervenção na sociedade, nos seus modos de agir, nos valores, nos comportamentos, nas atitudes sociais com relação ao espaço geográfico.

Para Antunes (2010, p. 37), a atuação do professor de Geografia em sala de aula ajuda a despertar uma visão interligada entre o homem e seu mundo, de modo a se ter meios para compreender o espaço e perceber o tempo. Pois a Geografia é a ferramenta necessária para que possamos nos conhecer e nos compreender melhor.

A atuação do Professor de Geografia em sala de aula permite que os alunos possam construir e desenvolver uma compreensão do espaço e do tempo, fazer uma leitura coerente do mundo e dos intercâmbios que os sustentam, apropriando-se de conhecimentos específicos e usando-os como verdadeira ferramenta para seu crescimento pessoal e para suas relações com os outros (ANTUNES, 2010, p. 37).

Como se pode verificar nessa citação, a atuação do professor de Geografia é aplicada em todas as etapas do ensino, seja fundamental médio ou superior. Pois estando essa inserida na área das ciências humanas, o contato permite que o aluno desenvolva o pensar crítico e amplie seu campo de visão a respeito das relações sociais que envolvem o seu cotidiano. Evidentemente a aplicação pode ser utilizada para permitir a cada aluno dentro de suas limitações e grau de compreensão, conhecer o mundo atual e suas diversidades, compreender a relação entre os elementos da Geografia de modo a identificar como se constroem a paisagem, o lugar e o território.

A atuação do professor de Geografia em sala deve ser, sobretudo, uma abordagem inovadora, capaz de vencer o tradicionalismo e os métodos arcaicos ainda usados em algumas escolas. A didática do ensino de Geografia presente nos dias atuais tem como principal objetivo desenvolver o pensamento crítico do aluno. Como por exemplo, em alguns casos, podem ser presenciados professores conteudistas, que meramente passam grande parte de suas aulas copiando no quadro, passando atividades, lendo textos longos e enfadonhos. Fator que fez criar-se uma visão errada da disciplina de Geografia, a mesma passou a ser vista como

uma disciplina decorativa e com pouca importância. Quando, na verdade, a sua atuação deveria ser didática buscando relacionar os conteúdos com questões do cotidiano dos alunos, buscando despertar ao máximo a atenção e a compreensão de todos ou de sua maioria.

Ainda para Antunes (2010, p. 40):

Um professor de Geografia verdadeiramente ensina quando ajuda seu aluno a aprender e, portanto, a se transformar, e também quando permite que seus alunos transformem informações em conhecimento. Nesse sentido, A atuação do Professor de Geografia em Sala de Aula permite que o aluno seja capaz de pesquisar, analisar, comparar e transformar informações em conhecimento. Pensando nisso afirmamos que a atuação do professor de geografia em sala de aula deve fornecer ao aluno mecanismos capazes de promover o seu desenvolvimento.

Logo, é importante compreender que a metodologia de ensino utilizada em sala de aula varia de professor para professor e, de escola para escola. Com isso, as práticas de ensino podem se diferenciar o que conseqüentemente vai influenciar na formação do aluno e no seu modo de compreender o mundo a sua volta. Nesse sentido, exemplifica-se a atuação do professor de Geografia em sala de aula como ferramenta fundamental para auxiliar os alunos na compreensão sociedade através do estudo do espaço e das formas de apropriação da natureza. Ou seja, através da relação homem e meio.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Revisão de Literatura

A estruturação deste trabalho se dá em dois moldes. Inicialmente, no capítulo 4 (quatro), por meio de uma revisão de literatura e partindo do pressuposto da realidade que se encontra disposta nas escolas, com base em autores como Vigotsky (1989) e Piaget (1975) é feita uma discussão literária destacando as principais dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, como o professor e os alunos se veem nesse meio e como o lúdico pode contribuir para amenizar ou remediar tais conflitos. Adiante, embasando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) e em autores como Carvalho (2008) são trazidos conceitos e abordagens curriculares da Cartografia, enfocando-a nas aulas de geografia do ensino fundamental. Também são discutidas as consequências do uso da ludicidade com a cartografia.

3.2 Experiência de uma Atividade Cartográfica

Em seguida, no capítulo 5 (cinco), é relatada a experiência de uma oficina realizada durante o Estágio Supervisionado II do curso de Geografia, da Universidade Federal de Alagoas, *campus* Delmiro Gouveia. Tal atividade teve como intuito comprovar quais as possibilidades e como os alunos reagiriam a uma atividade lúdica que envolvesse a representação espacial de seus trajetos diários (casa-escola) por meio de mapas mentais.

“Mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente” (ARCHELA, GRATÃO, TROSTDORF, 2004, p. 1). Geralmente, partem de uma realidade experimentada, que serve inicialmente como base para a construção dessas representações (ARCHELA, GRATÃO, TROSTDORF, 2004).

O mapa mental é analisado como um recurso que permite a construção de uma expressão gráfica mais livre, tendo a perspectiva de que o estudante possa transpor para essa representação espacial os conteúdos geográficos aprendidos ao longo da educação básica. Assim, além de utilizar a fala, a escrita, a imagem ou o próprio mapa convencional/ tradicional, o aluno terá a oportunidade de apresentar

num mapa mental suas interpretações a respeito de um determinado lugar, provenientes de leituras mais científicas da realidade (RICHTER, 2011, p. 18).

Logo, além de proporcionar a incorporação de conteúdos e conceitos geográficos, os mapas mentais permitem os alunos irem além, possibilita a criatividade e a expressão de seus pensamentos, utilizando-se de todo o aparato geográfico aprendido em sala de aula. Nogueira (2002) corrobora ao citar que os mapas mentais se tornam, tanto pra geográficos quanto para professores de geografia, um material didático de enorme importância para a compreensão de lugares, afinal os dados que neles estão representados, independentemente da exatidão, demonstram o lugar do jeito que ele realmente é.

De acordo com os PCNs, a compreensão geográfica das paisagens significa a construção de imagens vivas dos lugares que passam a fazer parte do universo de conhecimento dos alunos, tornando-se parte de sua cultura (PCN, 1997). Ao compreender a sua realidade o aluno poderá perceber que o lugar é construído pela sociedade e, certamente, terá condições de compreender espaços mais distantes, indo além dos limites do aprender (Santos, 2008, p. 6). Logo, dentre tantos outros conceitos importantes na disciplina da geografia escolar que poderia ser abordado, preferiu-se por trabalhar com tema “lugar” na oficina desempenhada.

3.2.1 Área de Estudo

A oficina foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Wellington Pinto Fontes (Figura 01), localizada na Rua 13 de Maio, Centro, São José da Tapera – Alagoas. A escola possui 866 alunos distribuídos na educação Infantil, fundamental I e II, além de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e; 86 funcionários. Conta com dependências, como: nove salas de aula, uma sala de professores, uma biblioteca, uma sala de direção e secretaria, uma sala de informática, uma sala de recurso, uma cozinha, dois banheiros (feminino e masculino) e um banheiro acessível a portadores de deficiência física e pátio descoberto. E equipamentos, como: TV, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (data show), câmera fotográfica/filmadora (INEP 2018).

Figura 01 Fachada da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Wellington Pinto Fontes



Fonte: Autora desta monografia, 2016.

3.2.2 Coleta de Dados

A intervenção se deu numa turma do 7º ano vespertino, composta por 24 alunos (sete meninos e dezessete meninas), sendo realizada em agosto de 2016. Foram necessárias 4 (quatro) aulas de 50 minutos, cada uma. Nas três primeiras aulas foram trabalhados conceitos, exemplos e elucidação de dúvidas sobre a cartografia, de forma expositiva, usando-se da fala do presente interventor e do quadro da sala de aula, pois o retroprojetor estava quebrado. Assim:

- na primeira aula, enfatizou-se os conceitos básicos da cartografia: o que é um mapa; para que serve; qual é a sua utilidade e importância e quais são seus elementos;
- na segunda aula, trabalhou-se um conteúdo introdutório sobre orientação cartográfica, expondo os pontos cardeais de acordo com a orientação do sol. Para isso, utilizou-se do corpo humano do aluno como referencial de localização, a fim de se trabalhar os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e

Oeste) e, ao mesmo tempo, de forma aleatória, foram formadas duplas em que um membro indagava ao outro (e vice-versa) sobre a localização desses pontos, a pergunta era respondida estendendo os membros superiores para tal direção;

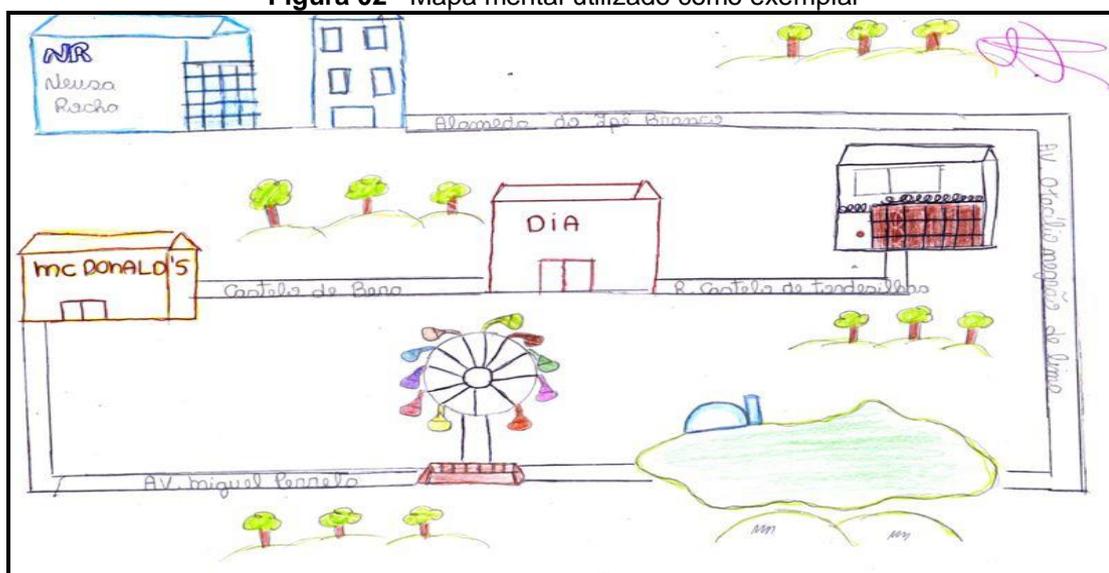
- na terceira aula, foi explanado o conteúdo sobre localização e escala: paralelos, meridianos, escalas pequenas e grandes. Para essa atividade, foi desenhado no quadro o globo terrestre marcado por linhas e secções representando os paralelos e os meridianos da Terra. Também foram feitas comparações entre objetos presentes em sala de aula, com a finalidade de trabalhar escalas.

Esses assuntos são indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como itens necessários à abordagem da cartografia. Tais conteúdos tiveram como fonte alguns sites de geografia do Google como: <https://www.sogeografia.com.br>; <https://www.infoescola.com/geografia/cartografia/>, e apostilas como: Elementos de Cartografia de Timbó (2001), além de livros didáticos.

Pois segundo Joly (1990) para edição de mapas, antes de tudo é necessário que o aluno saiba dominar o assunto que é tratado e nele acrescentar informações e comparações que envolvam todos os componentes que constituem a cartografia.

Na terceira aula, também foi mostrado um exemplar de um mapa mental (Figura 02), para que os alunos tivessem ideia do que seria e do que iria ser solicitado a todos eles.

Figura 02 Mapa mental utilizado como exemplar



Fonte: <https://www.neusarocha.com.br/projetos/produzindo-mapas-mentais-6-ano>

Já na quarta aula, talvez a mais esperada, foi solicitado que os alunos desenhassem um mapa mental demonstrando o trajeto de sua casa até a escola que estudavam (Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Wellington Pinto Fontes), utilizando-se de todos os conceitos, orientações e dos demais elementos cartográficos expandidos em sala de aula os quais servem para constituírem um mapa.

4 A LUDICIDADE E A CARTOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

4.1 O Lúdico e o Desenvolvimento de uma Mentalidade Escolar

Frente às diferentes dificuldades no processo de ensino-aprendizagem presentes entre os alunos e os professores em sala de aula – sejam elas físicas, neurológicas, emocionais, cognitivas, educacionais, entre outras – o professor se vê como responsável por administrar e saber conduzir esse processo, buscando alternativas, muitas vezes diversificadas e inovadoras, que se adaptem à realidade desse meio escolar. São diversas as discussões no meio acadêmico, que expõem e tentam dinamizar as metodologias de ensino aplicadas nas escolas, com foco em tentar despertar o interesse do aluno na busca de conhecimento e informações e, conseqüentemente, torná-lo sujeito crítico.

No entanto, dentro desse contexto desafiador, muitas vezes, há a escassez de recursos didáticos e de infraestrutura escolar, como laboratórios, materiais didáticos, etc. Que auxiliem e complementem a incorporação dos conteúdos repassados. Logo, surge a necessidade de o professor buscar, mais uma vez, métodos e formas de manejo que permitam com que os alunos evoluam como seres pensantes, nesse meio em que estão inseridos.

Dessa forma, o lúdico vem sendo uma das alternativas mais viáveis (senão, a principal) para o progresso da educação escolar. É um método que permite que alunos e professores se envolvam na aula de maneira divertida e eficiente, além de possuir uma diversidade de formas de uso, desde a utilização de materiais de ínfimos custos financeiros e baixa complexidade estrutural até o oposto, assim o queira.

A palavra Lúdico vem do latim "ludus" e significa "brincar". Neste brincar estão incluídos jogos, brinquedos e divertimentos e é relativo também à conduta daquele que joga e se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão do mundo. (SANTOS, 1997, p.9)

O ponto que mais chama a atenção, e merece ser destacado, é a importância do lúdico como um meio divertido e energético para a implementação do currículo escolar. Afinal como destacado acima por Santos (1997), seu significado se traduz no brincar, algo que é inerente a toda criança e que permite que a mesma descubra e compreenda todo o seu redor. Os elementos que compõem o brincar fazem parte do mundo infantil, pois são atividades exercidas pelas crianças desde o início da humanidade. São indispensáveis para a aprendizagem e para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Logo, não é possível pensar no desenvolvimento da criança sem considerar a prática do brincar.

Assim, nota-se a importância da inserção das atividades lúdicas no âmbito escolar, pois é por meio da brincadeira em que a criança mostra toda a sua forma de comunicação, sua linguagem, seus sentimentos, emoções. Pois, como mencionado por Vygotsky (1998), o lúdico apresenta-se como uma possibilidade de ensino que visa à reflexão por meio de algo que é real e ao mesmo tempo imaginário, ou seja, enquanto a criança utiliza a sua imaginação e criatividade em um jogo, brincadeira ou qualquer material que simule um faz-de-conta, ao mesmo tempo ela aprende as regras, os conceitos e formulações que aquele material ou meio lúdico proporciona.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação significação e ressignificação (BRASIL, 1998, p. 21-22)

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer a criança condições para aprendizagem que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos (BRASIL, 1998, p. 23).

Assim, fica claro que, ao trabalhar o lúdico em sala de aula, o mesmo poderá tanto auxiliar no relacionamento e na comunicação entre a turma quanto na aquisição de conceitos e possíveis soluções de dúvidas. Portanto, é presumível que o aluno desenvolva o raciocínio lógico, fazendo com que pense com agilidade e

estratégia, melhorando seu poder de concentração e sua criatividade, abstração, organização de elementos, tomada de decisão, visão espacial, podendo treinar inclusive a memorização e assim, auxiliar todas as disciplinas.

A psicologia do desenvolvimento escolar também relata as consequências positivas do uso de atividades lúdicas em sala de aula. Para o psicólogo Piaget (1975), o lúdico está totalmente atrelado ao desenvolvimento, para ele, a criança necessita brincar para poder crescer. Portanto, o brincar não deve ser visto apenas como um entretenimento ou um passatempo para as crianças, mas sim como uma ferramenta que leva ao desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo, psicomotor e a socialização entre as crianças.

Piaget (1975) propusera que o desenvolvimento cognitivo se realiza em estágios. Esses estágios e períodos do desenvolvimento caracterizam as diferentes formas do indivíduo interagir com a realidade, de organizar seus conhecimentos, visando sua adaptação. Com isso, o indivíduo desde criança, vai construindo seu desenvolvimento mental, levando em consideração o ponto de vista motor, intelectual e afetivo. Para Piaget (1975) há quatro principais estágios do desenvolvimento, são eles: sensório motor (0 a 2 anos); pré-operacional (2 a 6 anos); operações concretas (7 a 11 anos) e formais (12 anos em diante).

Geralmente, é durante o estágio pré-operatório que a criança inicia sua vida escolar. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (1996), é nesse estágio que a criança se encontra nas séries iniciais, especificamente, na educação infantil:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 17).

Em seguida, segundo Piaget (1975), são nos dois últimos estágios – operatório concreto e formal – que se formam as bases para o pensamento científico. No operatório concreto a criança se encontra nas séries iniciais do ensino fundamental, é durante ele que a criança se depara com alguns procedimentos operatórios que fazem parte dos métodos de operações das disciplinas curriculares, inclusive da Geografia. São assuntos e questões novas que devem ser assimilados enquanto, coincidentemente, o indivíduo ainda situa-se naquela fase do brincar, dos jogos e brincadeiras.

Dessa forma, fica evidente, a oportunidade de incorporar o lúdico em sala de aula e ao mesmo tempo de saber trabalhá-lo, utilizando-o de forma direcionada a cada estágio em que o indivíduo se encontra. Pois, a depender do estágio em que o mesmo se encontrar, ele irá desenvolver mecanismos cognitivos necessários e para isso, é interessante que o professor enquanto mediador desse processo saiba qual atividade lúdica é propícia para aquele momento. Dessa forma, terá frutos em suas atividades e as crianças estarão desenvolvendo todas as suas competências.

Para Piaget, os elementos que causam a perturbação do equilíbrio (como os problemas e as dúvidas) são os responsáveis pelo acionamento de mecanismos que levam às mudanças na estrutura conceitual do sujeito, tais como assimilações (que correspondem à incorporação de novos conceitos ao sistema conceitual pré-existente) e acomodações (que estão relacionadas com as modificações no sistema conceitual) (BORGES; FAGUNDES, 2016, p. 243).

Como mencionado pelos autores Borges e Fagundes (2016), a cada estágio que o indivíduo avança, conceitos, assimilações e acomodações são transformados e/ ou surgidos, conseqüentemente, há uma mudança na natureza e na caracterização da inteligência do aluno. E é isso que importa, é fundamental que conceitos prévios que geralmente são incompletos, se desestruturados, sejam moldados de maneira gradual e própria, auxiliados pelas atividades lúdicas se pelo professor em sala de aula, que juntos propiciam a criatividade e o raciocínio lógico para a evolução da mentalidade do aluno.

Vygotsky (1989) traz um discurso de que o sujeito não é passivo e nem ativo no processo educacional, ele é interativo. Dessa forma, pode-se concluir que o meio em que a criança está inserida, influencia bastante no seu desenvolvimento cognitivo. As interações sociais são formas de acesso a informações, e como a maioria de suas relações gira em torno do brincar, através dos jogos e das brincadeiras, esses, por sua vez, tornam-se importantes ferramentas de interação.

São as regras presentes nessas ferramentas de interação que conduzem a criança a agir de forma mais avançada do que aquele habitual para sua idade, uma vez que ela empenha-se para obter um comportamento parecido ao modo que ela imagina em sua mente. Para Vygotsky (1989), quando a criança imita ou reproduz algo, ela não está apenas copiando, mas reconstruindo individualmente o que é observado nos outros, concorrendo assim, para o seu desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, Vygotsky defendia que o lúdico era essencial para o desenvolvimento

da criança, pois gerava situações imaginárias que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstrato.

4.2 A Cartografia

Não há como se falar na utilização da cartografia, nas aulas de Geografia, sem defini-la, certo? Dessa forma, Joly (1990), traz o seguinte entendimento:

A cartografia é a arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar os mapas. Um mapa é uma representação geométrica plana, simplificada e convencional, do todo ou de parte da superfície terrestre, numa relação de similitude conveniente denominada escala. Um mapa é a representação, sobre uma superfície plana, folha de papel ou monitor de vídeo, da superfície terrestre, que é uma superfície curva (JOLY, 1990, p. 7).

Carvalho (2008) relata que o homem sempre traçou mapas. Desde os povos primitivos – como o caso dos babilônicos, dos índios nativos das Ilhas Marshall, dos esquimós, dos astecas e chineses, entre outros – era comum a elaboração de rudimentos ou esboços do que mais tarde se tornaria a cartografia. Através de recursos naturais, como o barro cozido, as plantas, etc. eram feitas diversas representação cartográficas por esses povos, as quais serviam para orientá-los e manter sua organização social.

Assim, pode-se dizer que, desde os povos mais antigos até o presente século XXI, a cartografia é útil e inerente à nossa sobrevivência e que, junto à formação histórica da humanidade, os conhecimentos cartográficos foram sendo construídos. Esses conhecimentos estão relacionados aos aspectos da paisagem e das vivências de cada povo, de seus costumes e culturas, que necessariamente demandam atividades de demarcações de espaços, de localizações, de pontos e/ ou ainda de seguimentos de rotas.

Ainda de acordo com Carvalho (2008), no Brasil, a elaboração de mapas está concernente ao período pré-colonial, ou seja, não há como falar dos primeiros mapas brasileiros sem citar a estreita relação com Portugal. Desde o descobrimento do Brasil, por meio das primeiras explorações territoriais, traçaram-se áreas e seguimentos nas terras nacionais, que foram dominadas pelos portugueses e,

depois, por outros povos. Em seguida, com o sistema de Capitânicas Hereditárias¹e seguintes Períodos Imperiais, os conhecimentos cartográficos se afunilaram no país.

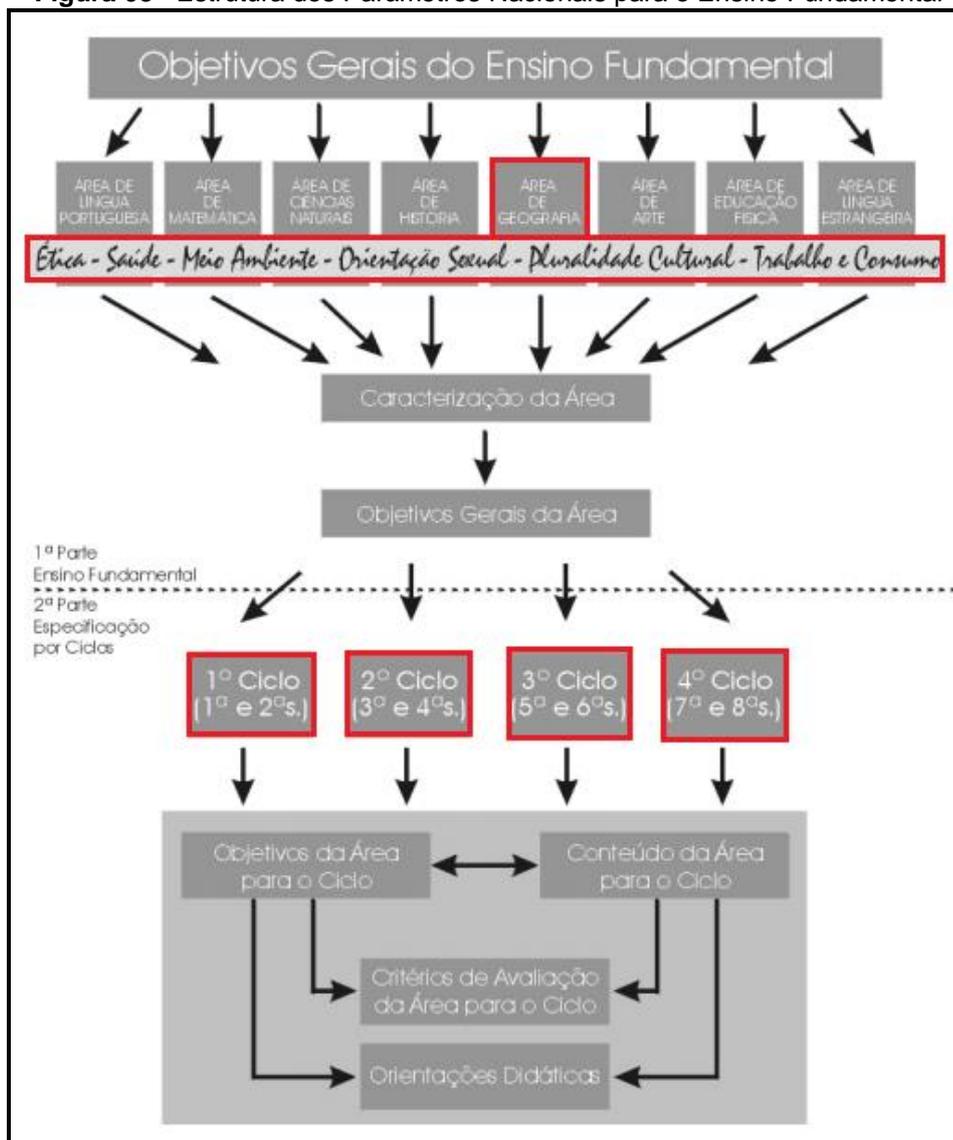
Assim, nota-se que a cartografia está presente na identidade e na realidade do homem, é característica e imprescindível a todos. Ela pode comportar cada parte conhecida do globo terrestre e pode ser considerada uma linguagem universal. Também, pode-se concluir que os mapas, que antes eram feitos para determinar as áreas dominadas pelas antigas civilizações, hoje são utilizados pelas pessoas em quaisquer de suas tarefas diárias, desde para o uso em estudos científicos até mesmo servindo para localizá-las no espaço geográfico, a exemplo de viagens, trilhas, expedições e outras formas de turismo.

Segundo Joly (1990) o espaço geográfico é formado por toda a superfície terrestre, englobando desde os oceanos a locais inabitados. Possui diferenças fisionômicas, uma vez, que compreende a atmosfera, a litosfera, a hidrosfera, além de todos os seres vivos. É um sistema complexo que integra uma certa duração sob a forma de herança e potencialidades. E é com o objetivo de analisar e interpretar essa composição que a cartografia trabalha e, tentando repassar isso ao público, desenvolve sua expressão gráfica, ou seja, os mapas. Além dos mapas, há outras figuras cartográficas como, cartogramas, carto diagramas, anamorfozes geográficas.

4.3 A Cartografia no Ensino Fundamental

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os objetivos gerais e específicos para o ensino fundamental estão organizados em quatro ciclos, em que cada ciclo corresponde a duas séries do ensino fundamental (1º ciclo = 2º e 3º anos, 2º ciclo = 4º e 5º anos, 3º ciclo = 6º e 7º anos e 4º ciclo = 8º e 9º anos). Todas as áreas de conhecimento presentes nos PCNs estão ligadas a temas transversais como Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo, os quais devem ser inseridos em aula, juntamente com os demais conteúdos a serem estudados (Figura 03) (BRASIL, 1998).

¹ Divisão na costa do país feita por Dom João III, rei de Portugal, em março de 1534. Eram quinze lotes que formavam doze capitânicas, que iam da Ilha de Marajó, a norte, até o sul do Estado de Santa Catarina (INNOCENTINI, 2009).

Figura 03 Estrutura dos Parâmetros Nacionais para o Ensino Fundamental

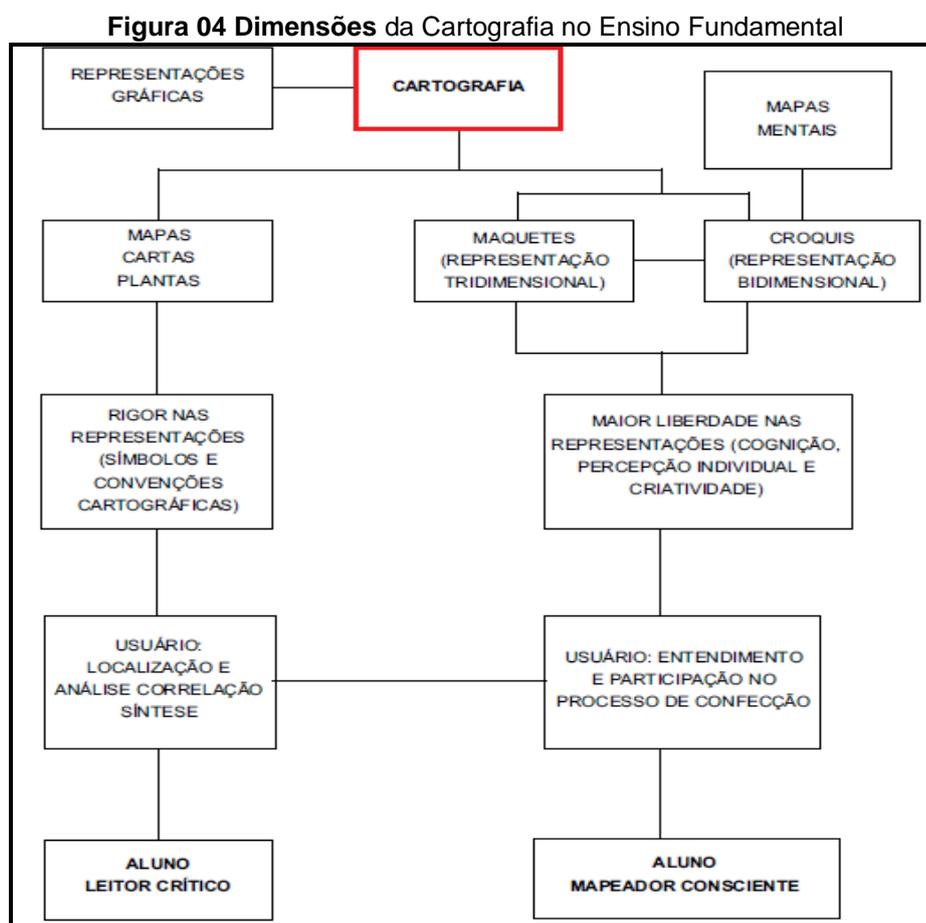
Fonte: Brasil, 1998

Os eixos temáticos a serem desenvolvidos na área de Geografia são: a Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo; o estudo da natureza e sua importância para o homem; o campo e a cidade como formações sócio espaciais, e; a cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo, sendo esses quatro desenvolvidos durante o 3º ciclo; enquanto que, no 4º ciclo trabalha-se com os eixos: a evolução das tecnologias e as novas territorialidades em redes; um só mundo e muitos cenários geográficos, e; modernização, modo de vida e a problemática ambiental (BRASIL, 1998).

Assim, os conteúdos de Cartografia encontram-se inserido a partir do 3º ciclo do ensino fundamental, ou seja, no 6º e 7º anos. Mas antes disso, é

fundamental que o aluno aprenda conceitos e experimente elementos cartográficos nos ciclos anteriores. É essencial que os alunos encontrem significado em desenhos, imagens, maquetes, mapas e demais formas de ilustrações, estimulando a busca por informações, a interpretação de linguagens visuais, elementos básicos da representação gráfica/cartográfica e, conseqüentemente, a alfabetização cartográfica. Afinal, os mapas não são apenas objetos de reprodução, eles buscam primordialmente transmitir informações (BRASIL, 1998).

Após a compreensão de noções básicas necessárias à alfabetização cartográfica, o aluno torna-se capaz de trabalhar os mapas em duas dimensões, deixando a cartografia de ser vista somente como mapas prontos e acabados no ensino escolar. “A primeira trata da leitura de mapas, porém uma leitura crítica, ou seja, que analisa e ultrapassa o nível simples da localização dos fenômenos. A segunda dimensão trata do aluno participante do processo como mapeador consciente” (Figura - 04) (BRASIL, 1998, p. 78).



Fonte: Brasil, 1998

Entretanto, pode até parecer simples, mas a compreensão da linguagem cartográfica, especificamente a interpretação/elaboração de mapas, requer um certo conhecimento de seus símbolos e sinais. “As regras dessa simbologia pertencem ao domínio da semiologia gráfica, que estabelece uma espécie de gramática da linguagem cartográfica” (JOLY, 1990, p. 8). Afinal, compreender os vários símbolos, sinais e escalas que representam localizações, envolvendo latitude e longitude, formas, tamanhos, áreas, orientações, valores, granulações, presentes num mapa, necessita, antes de tudo, da compreensão de conceitos, da análise de informações apresentadas e de como elas são refletidas na visão dos alunos, devem-se ter momentos de observações e de comparações através de atividades práticas que se tornam significativas, preferencialmente utilizando-se do lúdico.

Ainda para Joly (1990), há uma grande defasagem a respeito dos conhecimentos cartográficos desde as séries iniciais, pois não se aprende a fazer mapas como se aprende a ler e escrever. Nesse sentido, oficinas podem aproximar os alunos da cartografia, encaminhando-os à prática imediata da construção e interpretação de mapas.

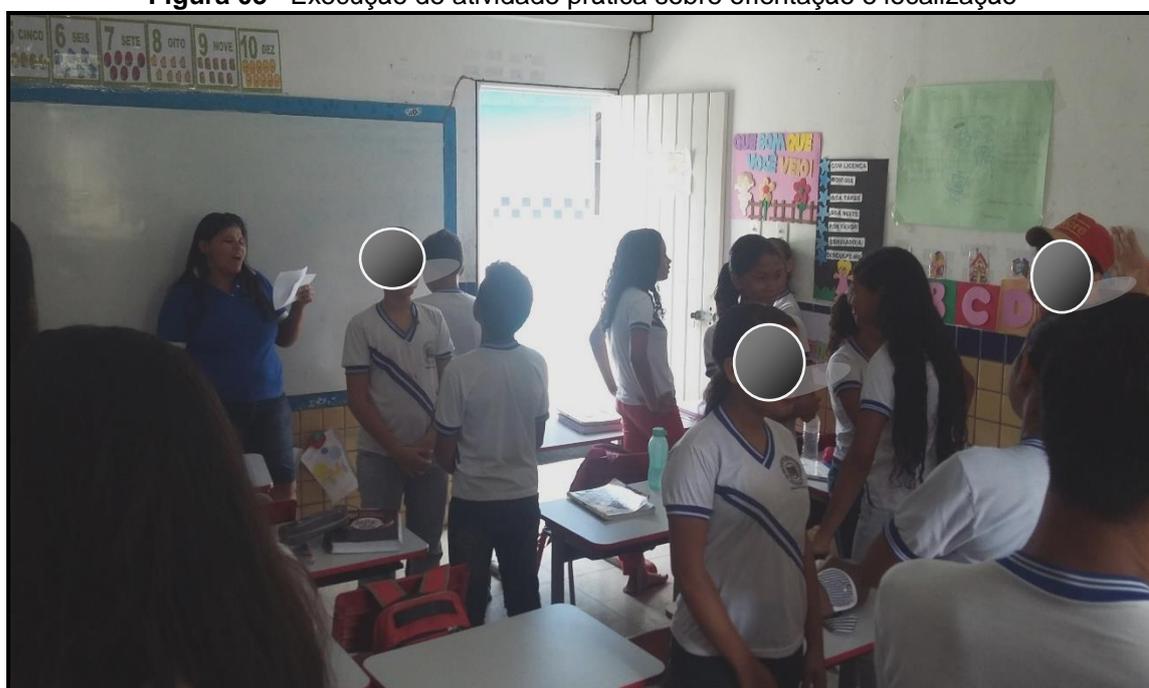
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Uma Experiência Lúdica com a Cartografia

A priori, na primeira aula, com o intuito de colher os conhecimentos prévios que os alunos detinham, ao serem indagados sobre os conceitos básicos da cartografia, eles não apresentaram praticamente nenhuma informação, talvez estivessem tímidos ou não soubessem. Mais adiante, situando-os no tema demonstraram um certo interesse, a maioria estava atenta à explicação, exceto alguns alunos, geralmente aqueles que não participam da aula ativamente, pois preferem ficar com brincadeiras e conversas paralelas.

Já na segunda e na terceira aula, principalmente na terceira ao trabalhar o conteúdo de orientação e localização cartográfica, observou-se que havia um maior interesse dos alunos pelo projeto, pois neles foi despertada uma grande curiosidade e ânimo nas atividades. Esta atividade propiciou a inclusão de todos os alunos, pois até mesmo aqueles dispersos em sala de aula e/ou com dificuldades de aprendizagem, através da formação das duplas – à medida que um membro perguntava ao outro sobre os pontos cardeais ao mesmo tempo – ele aprendia e ensina, e vice-versa(Figura 05).

Figura 05 Execução de atividade prática sobre orientação e localização



Fonte: Autora desta monografia, 2016

Dessa forma, os mesmos perceberam a grande utilidade da geografia na vida das pessoas, de forma simples, sem a presença de recursos tecnológicos. Ainda puderam interagir alunos e professor, de modo descontraído, utilizando-se dos conteúdos cartográficos. Para Scherma (2010, p. 154): “a aquisição dos conhecimentos da orientação está atrelada a uma estratégia metodológica diferenciada e dinâmica, possibilitando oferecer uma aprendizagem mais motivadora e significativa para o aluno”, assim possibilitando resultados positivos e energéticos, que incrementem o interesse dos alunos pelas aulas de geografia, passando os mesmos a enxergarem como uma disciplina que envolve diversos meios de aprendizagem e com conteúdos inerentes e diretamente ligados ao seu cotidiano.

Na quarta aula, que detinha da elaboração dos mapas mentais, os alunos colocaram em prática tudo que aprenderam nas aulas introdutórias. No início tiveram um pouco de dificuldade para iniciar a elaboração dos mapas, então, faziam perguntas de como ficariam melhores seus mapas, paravam no tempo e imaginavam como poderiam criá-los. Percebeu-se, assim, que logo vieram os questionamentos sobre a estruturação dos mapas. Mas logo em seguida, começaram a esquematizar e moldar seus mapas mentais (Figura 06).

Figura 06 Elaboração dos mapas mentais



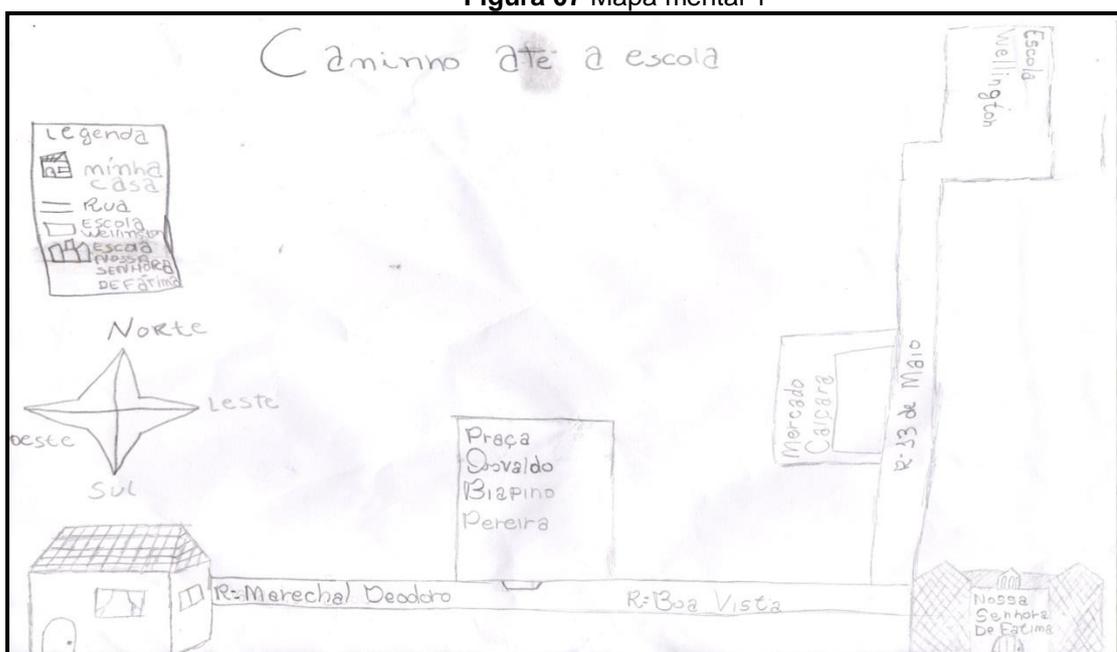
Fonte: Autora desta monografia, 2016

RICHTER (2011) chama a atenção para a proposta dos mapas mentais, esses recursos metodológicos devem proporcionar uma reflexão mais ampla e crítica sobre os fenômenos e elementos presentes no espaço urbano. Pois o autor reconhece a complexidade que se tem na tentativa de fazer uma representação espacial da cidade, a qual precisa ser encarada como um desafio necessário à formação e ao raciocínio geográfico do aluno.

Contudo, de forma geral, foi possível perceber que os alunos demonstraram uma grande receptividade para a execução da oficina. Não surgiram problemas de indisciplina, pelo contrário, todos se empenharam e focaram em seu mapa, certamente, devido à novidade da atividade didática. Afinal, de acordo com Sawczuk (2012) o caráter de atividades lúdicas transforma o comportamento em sala de aula, pois o encanto, a agitação, entre outros sintomas de euforia constituem esse processo; a sala de aula que muitas vezes é monótono para os alunos, logo passa a se transformar em um ambiente acolhedor.

Foram elaborados 22 mapas mentais, desses, foram selecionados cinco que apresentaram características tornando-os o mais diferente possível um do outro.

Figura 07 Mapa mental 1



Fonte: Autora desta monografia, 2019.

Figura 08 Mapa mental 2



Fonte: Autora desta monografia, 2019.

Figura 09 Mapa mental 3



Fonte: Autora desta monografia, 2019.

O estilo foi a principal semelhança presente entre os mapas mentais elaborados pelos alunos, característica influenciada certamente pelo exemplo de mapa mental mostrado na intervenção em sala de aula (Figura 02), durante as primeiras aulas introdutórias. Percebeu-se ainda que os mapas 1 e 2 (Figuras 07 e 08) possuem uma maior presença de símbolos cartográficos em relação aos demais, neles é notável a presença da Rosa dos Ventos indicando os pontos cardeais, além de legendas nos cantos dos mapas.

Pode-se afirmar que o mapa 1 (Figura 07), apresenta maior diversidade de características como: título, nome das ruas, identificação de pontos de referências (estabelecimento comercial, praça, escola), Rosa dos Ventos, além de uma legenda que representa fielmente as informações prestadas; porém, há a ausência de mais componentes que constituem a localidade, como mais casas e estabelecimentos. Dessa forma, o mapa passa a ideia de um caminho interligado entre casa e escola. Outra falha percebida foi a noção de escala, pois as escolas, a casa e o mercado apresentaram-se praticamente em igual tamanho à praça da cidade.

Contrariamente, no mapa 5 (Figura 11), nota-se a ausência de todos esses caracteres citados no mapa 1, exceto a presença de pontos de referências, onde, por sua vez, apresentaram-se em quantidade maior do que os demais mapas, possivelmente devido o aluno percorrer um trajeto mais extenso e estes estarem presente no mesmo, porém, foi notado que o aluno não localizou sua moradia no presente mapa. O desnivelamento também está presente no mapa 5, através do seguimento de ruas e casas tortas e espaçamentos assimétricos e desproporcionais entre esses, nota-se uma certa falta de empenho ou, talvez, uma dificuldade por parte do aluno elaborar seu mapa mental.

Com isso, notou-se que foram poucos os alunos que conseguiram representar o mapa mental na sua linguagem cartográfica, pois uma boa parte quis apenas retratar traços de uma simples representação espacial do seu trajeto casa-escola de forma simples, ou seja, sem optar por nenhum desses elementos listados acima.

Os mapas 2 e 3 (Figuras 08 e 09) se destacam pela sua forma e dimensão, quando na construção dos mapas vê-se que os alunos usaram uma forma horizontal para se expressar, tendo seus mapas menos detalhes e ocupando uma maior área representada.

Já no mapa 4 (figura 10), apesar da ausência de outros símbolos cartográficos, o que chama a atenção é a noção de escala. A proporcionalidade entre ruas, quarteirões e estabelecimentos comerciais foi precisa, além disso a análise se dá ao fato dos elementos dos mapas mentais estarem representados, em comparação com os elementos reais que compõe o espaço demonstrado. De acordo com Silva (2013) com relação às escalas nos mapas mentais não é preciso seguir a regra dos mapas comuns, entretanto, ao passo que se relacionarem com o conteúdo ministrado em sala de aula é ideal atribuir rigor a esses.

Richter (2010, p. 167), relata que “[...] o mapa não é um reflexo direto da realidade, ele passa por filtros, por leituras particulares que alteram sua dimensão – do geral ao específico”. Vale pensar que o conteúdo é passado pelo aluno e ele o incorpora e o traduz a seu modo, somado a uma série de conhecimentos e valores já inerentes ao seu pensamento.

Archela, Gratão e Trostdorf (2004) ainda corroboram quando citam que os mapas mentais permitem estabelecer relações entre o modo como cada pessoa vê o seu lugar. Neste sentido, os mapas mentais elaborados representam a percepção espacial que aluno detém do seu trajeto escolar e quais os seus conhecimentos cartográficos.

Portanto, no geral, apesar da maioria dos alunos demonstrarem uma satisfatória representação espacial relacionada ao espaço vivido e percorrido por eles, percebeu-se que a maioria dos alunos ainda apresentaram dificuldades quanto à linguagem cartográfica. A ausência de símbolos, título, orientação, legenda e principalmente de escala, na maioria dos mapas elaborados, demonstram a necessidade de aprofundar tais conteúdos e de usar outras atividades lúdicas que permitam uma maior assimilação, relacionando o conteúdo em algo prático, demonstrando, assim, uma funcionalidade real para tais conteúdos.

6 CONCLUSÃO

Diante do exposto, compreende-se que tornar um aluno do ensino fundamental um leitor e conhecedor da linguagem cartográfica consciente, não é um simples exercício ou divertimento, mas que isso, é um meio de descoberta, de exploração e questionamento entre os alunos. Afinal, os mapas são oriundos de uma série de estudos científicos que detêm de uma linguagem que tramita na comunicação social que deve ser trabalhada desde as séries iniciais.

No entanto, as atividades lúdicas servem de suporte aos professores que buscam alternativas metodológicas para a assimilação na construção desses conceitos geográficos. E os mapas mentais se mostram como importantes instrumentos de ensino da Cartografia, principalmente por poderem relacionar o vivenciado e experimento pelos alunos com os conceitos científicos que lhes são transmitidos em sala de aula.

Frente à oficina realizada em sala de aula, percebeu-se que os mapas mentais foram eficazes para estudo do lugar, visto que se trabalhou a partir do cotidiano dos alunos, sendo eles mesmos autores/agentes de sua própria história. No entanto, ficou claro que os mesmos ainda necessitam de um maior aprofundamento no conteúdo relacionado à Cartografia, pois demonstraram a ausência da linguagem cartográfica em seus mapas.

Além disso, foi visto que nem só o planejamento traçado pelo professor, muitas vezes, cheio de perspectivas e possível confiança da eficácia de um único modelo lúdico, é suficiente para a aprendizagem dos alunos, deve-se ter em mente que ainda pode ser necessário utilizar-se de demais métodos didáticos que auxiliem a compreensão dos educandos.

REFERENCIAS

ALMEIDA, L. C. NOGUEIRA, R. E. Iniciando a alfabetização cartográfica. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Ano 6 • n. 7 • Julho de 2009 • ISSN: 1807-0221.

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico**: ensino e representação. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ANTUNES, C. **Geografia e Didática** / Simone Selbach (supervisora geral). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. – (Coleção Como Bem Ensinar) Vários Autores.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia** – Londrina – Volume 13 – NÚMERO 1 – JAN./JUN. 2004. Disponível em: < <http://www.geo.uel.br/revista>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BORGES, K. S.; FAGUNDES, L. da C. A teoria de Jean Piaget como princípio para o desenvolvimento das inovações. **Revista Educação** (Porto Alegre), v. 39, n. 2, p. 242-248, maio-ago. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/ 1996. Senado Federal Secretaria Especial de Editoração e Publicações Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília, 2005. Disponível em: < <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> Acesso em: 11 abr. 2019.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf> > Acesso em: 13 abr. 2019.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. v. 1 — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em: 18 fev. 2019.

CARVALHO, E. A. de. História da Cartografia. Leituras cartográficas e interpretações estatísticas I: Programa Universidade à Distância UNIDIS GRAD. EDUFRN – Natal, RN, 2008. 248 p. Disponível em: < http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/leituras_cartograficas/Le_Ca_A01_J_GR_260508.pdf> Acesso em: 12 abr. 2019.

CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47.

DUARTE, P. A. **Fundamentos de Cartografia**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP). Censo Escolar, 2018. Disponível em: <<http://inep.gov.br/censo-escolar>> Acesso em: 03 jun. 2019

INNOCENTINI, T. C. **Capitanias Hereditárias: Herança colonial sobre desigualdade e instituições**. 57f.: Dissertação (mestrado) - Escola de Economia de São Paulo-SP, 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2790/1_63070100009.pdf> Acesso em: 12 abr. 2019.

JOLY, F. **A cartografia**. São Paulo, ed. Papirus, Campinas, 1990.

LEAO, D. M. M. Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n.107, p.187-206, jul. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 abr. 2019.

LIBÂNIO, J. C. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, n.27, p. 5-24, 2004.

MARQUES, G. P.; ROSA, O. **A cartografia e as novas tecnologias no ensino de geografia**. p. 354 -368. In: Coletânea Interdisciplinar em Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - vol. 1. São Paulo: Blucher, 2015.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28, n.100, p.1037-1057, out. 2007. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de abril 2019.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa mental: recurso didático para estudo do lugar**. In: PONTUSCHKA, 2002.

OLIVEIRA, M. M.de.A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis – SC, Nº02, P. 10-24, jun/2006. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/23045231-a-geografia-escolar-reflexoes-sobre-o-processo-didatico-pedagogico-do-ensino.html>>. Acesso em: 22 de abril 2019.

PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. **Geografia** - v. 16, n. 1, jan. /Jun. 2007 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6579>>Acesso em: 05 jun. 2019.

PIAGET, J. **A teoria de Piaget**. In: MUSSEN, P. H. (org). Psicologia da criança. Desenvolvimento Cognitivo. São Paulo: E.P.U. 1975. Vol. 4, p. 71-117.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. Cultura Acadêmica, São Paulo-SP, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, C. Cartografia e Ensino da Geografia: uma abordagem teórica metodológica. **Esboço**: Revista do Centro Universitário Moura Lacerda. N.9, p. 3-38. 2002.

SANTOS, J. de J. Geography teaching in early years: world reading throughout concepts and maps. **Poiésis Pedagógica** - v. 5/6 - p. 95-112 - jan./dez. - 2007/2008.

SANTOS, M. P. dos S. (org.). **Brinquedoteca: O Lúdico em diferentes contextos**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAWCZUK, M. I. L.; MOURA, J. D. P. Jogos pedagógicos para o ensino da geografia. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, Volume I. Secretaria de Educação do Estado de Parana, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_geo_artigo_marcia_ines_lorenzet_sawczuk.pdf> Acesso: 10 jun. 2019.

SCHERMA, E. P. **Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia**. 2010.2011f.: Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-SP. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/3987072/ensino-de-geografia-estudo-de-caso-sobre-est%C3%A1gio>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, E. dos. SANTOS. Importância do mapa mental na percepção espacial e no ensino de geografia: estudo de caso na Escola Dom Manuel Palmeira da Rocha, Esperança/PB. 63.: f Monografia (Graduação em Geografia) – universidade Federal de Paraíba, Centro de Educação, 2013. Disponível em: < <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2748/1/PDF%20%20Edilson%20dos%20Santos%20Silva.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

VEIGA-NETO, A. De geometrias, currículo e diferenças. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 163-186, agosto de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2019.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Aprendizagem, desenvolvimento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1998.